

DOS EXCESSOS TROPICAIS À MODERAÇÃO DOS COSTUMES: um debate sobre a idéia de processo civilizador na obra de Gilberto Freire

Vanderlei Sebastião de Souza
Doutorando em História das Ciências (COC-FIOCRUZ)

RESUMO: A partir da leitura das obras *Casa-grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, ambas publicadas por Gilberto Freyre na década de 1930, o objetivo deste artigo consiste em discutir o modo como a idéia de processo civilizador, conforme o sentido desenvolvido por Norbert Elias, pode ser apreendida na interpretação que Gilberto Freyre lança em relação à sociedade e à cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre, Processo Civilizador, História do Brasil.

ABSTRACT: From the reading of Gilberto Freyre's classics *Casa-grande & Senzala* and *Sobrados e Mucambos*, both published in the 1930s, the purpose of this article is to discuss how the idea of the civilizer process, in the sense given by Norbert Elias, might be apprehended in the interpretations that Gilberto Freyre develops in relation to Brazilian society and culture.

KEYWORDS: Gilberto Freyre, Civilizer Process, History of Brazil.

Introdução

Se o leitor quiser saber como – com a primeira onda de urbanismo – se irá desfazer esta paisagem primitiva [da casa-grande à senzala], deverá ler *Sobrados e mucambos* (...). E o leitor italiano pensará provavelmente na migração da nobreza fundiária em direção às inquietas cidades da Itália do século XIII (Fernand Braudel, 2000: 14).

Nas palavras de Norbert Elias, o processo civilizador deve ser entendido como uma teoria da civilização ocidental, um processo histórico de longa duração iniciado pela aristocracia européia a partir dos séculos XII e XIII¹, que consistia em uma profunda

¹ Conforme explica o historiador Roger Chartier em seu prefácio ao livro *A Sociedade de Corte*, de Norbert Elias, o processo civilizador tem sua primeira etapa com as grandes cortes feudais do século XII, ampliando a evolução social do processo civilizador a partir do século XVII com as cortes que caracterizaram o Estado absolutista (CHARTIER, 2001: 20).

mudança na vida psíquica dos indivíduos, moderando os costumes, pacificando as condutas e controlando os impulsos, tanto no mundo público quanto na intimidade dos espaços privados (ELIAS, 1993; 1994). Para Elias, o processo civilizador exerceu uma ampla pressão sobre os indivíduos, o que produziu “*uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida*” (ELIAS, 1993: 202)². Comentando a obra de Elias, o historiador Roger Chartier explica que o processo civilizador consiste, antes de tudo, “*na interiorização individual das proibições que, antes, eram impostas de fora, em uma transformação da economia psíquica que fortalece os mecanismos de autocontrole exercido sobre as pulsões e emoções e faz passar da coerção social a auto coerção*” (CHARTIER, 2001: 20).

Neste sentido, tomando o conceito de *processo civilizador*, conforme proposto por Norbert Elias, como sendo uma teoria da civilização ocidental, pretendemos compreender como o processo civilizador pode ser pensado durante a formação histórica da sociedade brasileira. Para dar conta desta tarefa, partiremos da leitura da obra de Gilberto Freyre escrita ao longo da década de 1930, mais especificamente de *Casa-grande & senzala* (1933)³ e de *Sobrados e mucambos* (1936)⁴. Apesar das possíveis convergências entre Elias e Freyre, já que ambos escrevem suas principais obras no contexto político e intelectual de início do século XX, este artigo não trata de uma análise comparativa em relação à obra destes autores. Nosso interesse consistirá, antes, em compreender como a idéia de processo civilizador, tal qual empregou Norbert Elias, aparece ou não na interpretação que Gilberto Freyre lança em relação à sociedade e à cultura brasileira entre os séculos XVI e XIX.

Em primeiro lugar, considerando o intenso contato do Brasil com a civilização européia a partir do século XVI, pretendemos discutir se é possível pensar a cultura brasileira como uma civilização que se constituiu historicamente conforme o padrão de civilização ocidental apresentado por Norbert Elias, ou, por outro lado, se deveríamos compreender o processo histórico brasileiro diferentemente, como sendo um “outro”

² Vale ressaltar que para Norbert Elias o processo civilizador se definiu por dois fatores fundamentais: a monopolização da violência pelo Estado, controlando assim as pulsões e pacificando o espaço social (ELIAS, 1993); e ao estreitamento das relações de interdependências entre os indivíduos, implicando um autocontrole severo sobre as emoções, os afetos e os instintos (ELIAS, 1994).

³ Para a análise de *Casa-grande e Senzala* utilizaremos a 5ª edição, publicada em 1946.

⁴ Para a análise de *Sobrados e Mucambos* utilizaremos a 3ª edição, publicada em 1961.

processo dentro do ocidente, cujas especificidades nos distanciariam da idéia de sociedade formada a partir do processo civilizador europeu.

Para esboçarmos algumas interpretações sobre estas questões, analisaremos inicialmente a obra *Casa-grande & Senzala*, onde procuraremos verificar de que maneira Gilberto Freyre apresenta a formação da cultura colonial brasileira entre os séculos XVI e XVIII. Num segundo momento, faremos uma incursão por *Sobrados e Mucambos* procurando compreender como se desenvolveu, na perspectiva de Gilberto Freyre, a cultura brasileira durante o século XIX, momento de intensa urbanização e imigração européia, no qual desencadeiam o que o nosso autor chama de “reeuropeização dos costumes”. Neste sentido, conforme veremos mais adiante, durante o século XIX uma outra paisagem será introduzida no cenário cultural brasileiro. Por último, retornaremos as questões acima propostas e, à luz da obra de Gilberto Freyre, procuraremos problematizá-las do ponto de vista histórico, possibilitando compreender como esse processo civilizador efetivamente pode ser pensado no contexto da formação cultural brasileira.

***Casa-grande & Senzala* e os hábitos de vida colonial nos trópicos**

Segundo Ricardo Benzaquem de Araújo, um dos principais intérpretes do sociólogo brasileiro, “*Casa-grande & senzala dá a impressão de ter sido escrita justamente para acentuar a extrema heterogeneidade que caracterizava a colonização portuguesa, ressaltando a ativa contribuição de diversos e antagônicos grupos sociais na montagem da sociedade brasileira*” (ARAÚJO, 1994: 53). Assim, a formação da sociedade colonial apresentada em *Casa-Grande & Senzala* parece não ter se processado no sentido de uma europeização, mas antes pelo contato com a cultura indígena e pela mediação propiciada pela cultura africana. O próprio colonizador português, na leitura de Freyre, se destacou por suas qualidades de miscibilidade e plasticidade, que o levaram a aclimatar-se com maior facilidade à cultura e aos hábitos tropicais (FREYRE, 1946, 46).

Essa singular predisposição do português para enfrentar a vida e os hábitos dos trópicos se explicaria pelo seu legado cultural que ligava a Europa à África: “*a influência africana fervendo sobre a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião (...). O ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas*” (Ibidem: 86). Na compreensão de Freyre,

portanto, mesmo antes do português colonizar o Brasil e “misturar-se” entre os indígenas e africanos, este já era um híbrido, tanto no “sangue” quanto na cultura.

De acordo com Gilberto Freyre, para colonizar o Brasil a coroa portuguesa enviou muitos de seus prisioneiros indesejáveis, “degradados inescrupulosos”, *“indivíduos que sabemos terem sido para cá expatriados por irregularidade ou excessos na vida sexual: por abraçar e beijar, por usar de feitiçaria para querer bem ou mal, por bestialidade, molice, alcovitice”* (ibidem: 111). Mas tal opção por parte da coroa tinha, nas palavras de Freyre, um objetivo claramente político, já que em local tão extenso e mal povoado era conveniente a presença destes homens sexualmente superexcitados, *“machos são e vigorosos, aventureiros moços e ardentes, em plena força”*, que aqui poderiam exercer *“uma atividade genésica acima do comum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses políticos e econômicos de Portugal no Brasil”* (ibidem). Freyre enfatiza que ao chegarem no Brasil os portugueses saltavam em terra escorregando-se nos corpos nus das belas índias, criando um ambiente de “quase intoxicação sexual” do qual nem mesmo os clérigos deixavam-se de se “contaminar por tal devassidão” (ibidem, 209).

Em prefácio à obra de Gilberto Freyre à edição francesa, o historiador Lucien Febvre, um dos fundadores da *École des Annales*, explica que os portugueses ficavam tão seduzidos com essas facilidades, com a sexualidade destes seres simples e de instintos veementes, que esqueciam de si mesmo, “trocando sem escrúpulos suas tradições por uma tal onda de delícias carnis”. Liberados dos constrangimentos sociais, destaca Febvre, “filhos de um tempo que em muitos domínios se mostrava impaciente por liberações, eles começaram de pronto a se saciar” (FEBVRE, 2000: 19)⁵.

Desde o início, portanto, a colonização portuguesa não foi idealizada como um projeto de europeização dos costumes. Embora estivesse a serviço da obra civilizadora européia, os portugueses não se furtaram da “vida desregrada” e carregada de luxúrias”, como Freyre insiste em destacar ao longo de *Casa-grande e Senzala*. Ao invés da dureza da disciplina, dos hábitos moderados e civilizados que marcavam a conduta do homem europeu, Freyre entende que os colonizadores lançaram-se à “vida desequilibrada”, deixando-se envolver pela aventura, saboreando os prazeres que a vida indisciplinada lhes possibilitavam. De acordo com Freyre, mesmo o sistema jesuítico, *“talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura intelectual e moral”*, foi também impregnada

⁵ O prefácio de Lucien Febvre à edição francesa de *Casa Grande e Senzala*, publicado pela Editora Gallimard, é de 1952. A referência aqui empregada é da publicação da Revista *Novos Estudos Cebrap*, que publicou o prefácio em português em 2000.

pelas formas místicas, fetichistas, cômicas e animistas dos povos ameríndios e africanos (FREYRE, *ibidem*: 159), conduzindo o catolicismo a um colapso moral, intoxicado pelo ambiente amoral de contato com a “raça indígena” (*ibidem*: 233). Um catolicismo que se não herético, conforme explica um dos intérpretes de Freyre, foi pouco ortodoxo, transformando-se num catolicismo da festa, da guerra e do sexo (ARAÚJO, *ibidem*: 77).

Este mundo dos excessos e dos modos imoderados que constituíram a cultura colonial brasileira era entendido por Gilberto Freyre como um efeito da “avassaladora natureza tropical”, uma forma de pedagogia que orientava a vida instintiva de nossa sociedade patriarcal. Para Freyre, conforme explica Araújo, trópico implicava excessos, o que confirmava a inclinação neolamarckiana do ensaísta brasileiro, “*transformando de certa forma condições físicas e geográficas em culturais*” (*ibidem*: 158). O ambiente tropical encarregava-se, portanto, de aumentar o desequilíbrio irracional da colônia; um calor colorido que se responsabilizava em amolecer o rigor e a seriedade; o “ar mole, grosso e morno” que, segundo Freyre, “*cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente*”, corroendo, em primeiro lugar, o imaginário sexual e aumentando a intimidade, a libido e o furor típico da paixão, depois moldando os hábitos e os gestos, tornando-os mais frouxos, leves e involuntários (FREYRE, *ibidem*: 534).

Foi nesse ambiente dos excessos tropicais que seria moldada, na compreensão de Gilberto Freyre, a cultura patriarcal brasileira, uma sociedade fortemente marcada pelo desequilíbrio das condutas, principalmente dos homens, para quem esse regime dos excessos era livremente permitido. Na compreensão de Freyre, os senhores rurais se contentavam com essa vida sem controles, com esse mundo voluptuoso e sensual. Assim, marcados pelo “erotismo patriarcal”, a sexualidade da casa-grande aproximava-se da mais “pura animalidade”, de modo que a relação entre os senhores e escravas vindas da África era a de pura lubricidade animal, “pura descarga de sentido” (FREYRE, *ibidem*: 683).

Em meio a esse mundo sem regras, distante da rigidez européia, os colonos portugueses não se preocupavam com a monogamia civilizada, com etiquetas e modos de comportamentos, com o pudor e a postura corporal, com a qualidade e o luxo do mobiliário ou com a finura das roupas. Sua preocupação, conforme argumenta Freyre, voltava-se antes para o tamanho da casa-grande, com a quantidade dos escravos, as festas de igreja, as mulheres e mulecas com quem pudessem se satisfazer (*ibidem*: 690). O que os colonos gostavam mesmo, ressaltava Freyre, era da vida ociosa, das preocupações sexuais e da rede aonde passavam grande parte do seu tempo, descansando, dormindo e copulando

dentro dela; era na rede que os senhores “*faziam longamente o quilo – palitando os dentes, fumando charuto, cuspidando no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradecer e catar piolho pelas molequinhas, coçando os pés ou as genitálias; uns coçando-se por vício; outros por doença venérea ou da pele*” (ibidem: 687-688).

O mesmo estilo de vida e educação receberiam também os filhos dos senhores. Segundo Gilberto Freyre, os clérigos jesuítas e franciscanos se queixavam da educação que os senhores dirigiam aos filhos, como o padre Lopes Gama que, corriqueiramente, lamentava a atitude dos pais ao tolerarem nos filhos os “modos estranhos”, a “malvadeza” e a “estupidez”. Ao invés de aprenderem a ler e escrever, Freyre argumenta que os meninos aprendiam antes a maltratar animais e escravos pelo simples capricho de seu sadismo (ibidem: 608-609). Logo cedo, os meninos das casas-grandes já aprendiam a usar facas de ponta para fazer suas caças e matar serpentes, “*mas nem sempre matavam apenas serpentes; também homens e mulheres*”, explica Freyre (ibidem: 623). “É lastimosa a educação dos meninos”, argumentava tristemente o padre Lopes Gama, citado por Freyre, que ao se misturarem livremente aos escravos adquiriam “*uma linguagem viciosa, e montesinha, e os mais grosseiros modos*”. Ainda segundo Freyre, “noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho”, principalmente pela atividade sexual, “através de práticas sadistas e bestiais” exercidas primeiro com os muleques, animais e até mesmo com as melancias, bananeiras e com a fruta de mandacaru, “mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata” (ibidem: 611).

Neste clima de “intoxicação sexual” e de um “patriarcalismo viril”, esses “vícios da educação” e dos “maus costumes”, muito antes de serem condenados eram apreciados pelo senhor da casa-grande, que se encantava ao ver os filhos metidos entre as raparigas, “deflorando as mocinhas” e aumentando o “rebanho” e o “capital paterno” (ibidem: 612). Segundo Freyre, citando o padre Lopes Gama, os meninos de engenho “*apenas tocam os limiões da virilidade já se entregam desenfreadamente aos mais porcos apetites*” (ibidem: 615). Logo após os 10 anos de idade, quando se tornavam rapazes já com vícios de homens, a preocupação destes era se sifilizarem o mais rápido possível (ibidem: 659), encontrando status não pela etiqueta ou pelo equilíbrio que marcava o comportamento do homem europeu civilizado, mas pelo desequilíbrio das pulsões instintivas, pela recusa ou pura incapacidade de admitir os freios da civilização.

Assim, enquanto na Europa a educação dirigida às crianças e jovens era a de se civilizarem adquirindo o quanto antes os bons e civilizados modos, no Brasil colonial a preocupação era a de se sifilizarem e ostentarem as gloriosas marcas da força sexual

masculina. Isso explica em muito a afirmação de Gilberto Freyre de que o Brasil “parece ter-se sifilizado antes de haver civilizado”. Conforme demonstra o sociólogo brasileiro,

os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis. *Não civilizaram: há, entretanto, indícios de terem sifilizado a população aborígine que os absorveu [grifo meu]* (ibidem:151).

Deste modo, na leitura de Gilberto Freyre, ao invés da condenação à doença e à suposta promiscuidade, que eram considerados pelos europeus como aspectos degenerativos e incivilizados, para o português colonizador elas ganharam, no Brasil colônia, outros significados, como um obrigatório ritual de passagem, uma condição para ser introduzido no viril espaço dos homens.

Em relação à educação escolar dedicada às crianças e aos jovens que formavam a sociedade colonial, Gilberto Freyre explica que era um ensino exclusivamente eclesiástico, voltado para o estudo de teologia e do latim, sendo os professores pouco versados em ciências (ibidem: 661). Pelo menos até o início do século XIX, conforme argumentava Luccock, um dos viajantes ingleses citados por Freyre com bastante frequência, as crianças brasileiras apresentavam olhares estúpidos, “nenhuma elasticidade de inteligência” e “curiosidade de espírito”, nem mesmo “boas maneiras”. Quanto a higiene, argumentava ainda Luccock, eram meninos pouco asseados, “olhos remelentos e dentes sujos” (apud FREYRE, ibidem). Tais aspectos pareciam demonstrar a total ineficiência das escolas eclesiásticas na imposição de regras de conduta, o que para um inglês era sinônimo de atraso civilizacional, tanto da educação intelectual em si quanto da educação e dos conselhos que deveriam receber as crianças para os cuidados com a higiene, o desenvolvimento das boas maneiras e dos hábitos civilizados.

Mas a paisagem cultural da colônia estava realmente longe do que poderia esperar um inglês. Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, a própria idéia de aristocracia acaba sendo inteiramente subvertida na interpretação que Gilberto Freyre apresenta em *Casa-grande & senzala*. O estilo de viver e os hábitos cotidianos de nossa nobreza colonial eram inteiramente imoderados e vulgares: a linguagem era grosseira e injuriosa, e ao invés da distância e do controle, da seriedade e da hierarquia que marcaria a concepção mais tradicional de nobreza no ocidente; as relações eram de proximidade e de um exclusivo descontrole das paixões. Esse perfil da nobreza açucareira, que vivia sob o signo da mais estreita proximidade, acabava configurando um domínio aristocrático extremamente

peculiar, muito diferente da originária concepção de nobreza ocidental. Desta maneira, é possível dizer que para Gilberto Freyre a aristocracia brasileira, muito antes de se parecer com a nobreza de corte, aproximava-se do universo plebeu da civilização medieval, um mundo festivo, erotizante, vulgar e rude (ARAÚJO, *ibidem*: 68-69).

Os hábitos culturais e os modos de vida familiar que se desenvolviam no interior da casa-grande também em nada se pareciam com os estilos da nobreza européia. Por maior que fossem as riquezas dos senhores, os móveis eram sempre rústicos, sem nenhum luxo e conforto, já que o mobiliário não era uma preocupação da aristocracia colonial brasileira, explica Freyre (FREYRE, *ibidem*: 690). Da mesma forma, a mesa das refeições mostrava a carência de utensílios, garfos figuravam pouco e as facas serviam tanto para cortar quanto para levar os alimentos à boca. Muitos comiam com os dedos, outros nem à mesa se sentavam, preferindo a varanda da casa-grande. Quanto à cozinha brasileira dos tempos coloniais, “não foi decerto nenhum modelo de higiene”, e conforme argumenta Gilberto Freyre, os viajantes que aqui passavam referiam-se todos com grande repugnância em relação a sujeira das cozinhas que conheceram. Segundo Freyre, os barris em que eram depositados os excrementos “ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou num outro recanto, acumulando matéria”, e quando eram recolhidos pelos negros saíam estourando de cheios, “de cheios e de podres” (*ibidem*: 736).

As formas de sociabilidade no interior da casa-grande também são um capítulo interessante na vida da aristocracia brasileira. Enquanto os padrões de convivência do homem europeu eram pautados pela intimidade, distanciamento e manutenção das etiquetas sociais, a família colonial desconhecia tais meios de relacionamento. Em grande medida isso ocorria pela inexistência de espaços públicos e privados definidos, já que os senhores dominavam toda a vida e os espaços coloniais, além da organização familiar depender estritamente do poder patriarcal. Outro fator fundamental para definir as relações de sociabilidade era a presença constante e em grande número de escravos, mucambas, iaiás, negrinhas e muleques que freqüentavam todos os espaços da casa-grande, exercendo as várias atividades domésticas, muitas vezes inclusive as atividades mais íntimas como a amamentação, ou simplesmente satisfazendo as necessidades instintivas dos senhores (*ibidem*: 736). Assim, o domínio senhorial dos espaços e a presença dos escravos no interior da casa-grande facilitavam que as relações de sociabilidades fossem reguladas pelo personalismo, pela solidariedade e pela ausência do intimismo, fatores que inibiam, portanto, qualquer referência a idéia de interiorização e controle dos costumes.

Os Sobrados e os Mucambos e a reeuropeização dos costumes

Enquanto *Casa-grande & senzala* se constitui como uma narrativa sobre a formação da cultura colonial e da aristocracia rural durante os séculos XVI a XVIII, *Sobrados e mucambos* é uma obra sobre a formação cultural da vida urbana do Brasil no século XIX. Na verdade, no último capítulo de *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre já anunciava sobre o que deveria ser a sua próxima obra: tratar-se-ia de produzir uma história social sobre a decadência da aristocracia rural e o desenvolvimento urbano, enfatizando o processo de mudança histórica da vida social e da cultura nacional rumo a reeuropeização dos costumes. Mas em que realmente consistiria essa idéia de reeuropeização?

Logo no primeiro capítulo de *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre argumenta que com a chegada de Dom João VI, da rainha e de sua corte ao Rio de Janeiro, o patriarcado rural que se consolidara nas casas-grandes de engenho e de fazenda, bem como da cultura que se formou no seu interior, “começou a perder a majestade dos tempos coloniais” (FREYRE, 1961: 03), e o amor que o rei nutria pelos senhores rurais passou a declinar (ibidem: 15). A simples presença do monarca em terras de tendências feudais, explica Freyre, “veio modificar a fisionomia da sociedade colonial; alterá-la nos seus traços mais característicos”, tornando-a urbana, industrial e burguesa (ibidem: 04), e conseqüentemente atraindo para o Brasil uma onda de imigrantes ingleses, franceses, italianos e alemães.

Segundo Gilberto Freyre, os três séculos de colonização portuguesa na América haviam produzido uma paisagem social que, devido a influência mourisca, africana, asiática e indígena, misturava inumeráveis elementos extra-europeus à cultura brasileira. Tal característica, explica Freyre:

[fez com que a colônia adquirisse] condições de vida tão exóticas - do ponto de vista europeu - que o século XIX, renovando o contato do Brasil com a Europa - que agora já era outra: industrial, comercial, mecânica, a burguesia triunfante - teve para o nosso país o caráter de uma reeuropeização. Em certo sentido, de uma reconquista. Ou de uma renascença - tal como se processou na Europa impregnada de medievalismo (ibidem: 309).

A reeuropeização significaria, para Freyre, o momento em que os aspectos feudais e extra-europeus que caracterizaram a vida social da colônia fossem extraídos de nossa sociedade, substituídos pelos novos padrões culturais apresentados por esses “homens superiores”, como eram conhecidos os europeus do norte. Tão superiores que, no entender

de Gilberto Freyre, esses “mártires louros” venceram inclusive a batalha travada no Brasil contra os trópicos e contra a febre amarela (ibidem: 311).

Deste modo, a reconquista do Brasil por estes novos europeus, não mais o europeu ibérico, mas esse “ente superior” do norte, não cessaria até fazer empalidecer nossos antigos costumes marcados pelos excessos e desequilíbrios tropicais. Tal reconquista, segundo Freyre, “alterou a paisagem brasileira em todos os seus valores. Reeuropeizou-a ou europeizou-a quanto pôde” (ibidem: 311), transformando as cores coloridas e forte dos trópicos em cores cinzas e pretas, marcadas por um tom civilizado, urbano, industrial e burguês.

Neste sentido, segundo Gilberto Freyre, sob o olhar atento destes homens recém chegados da Europa, “o brasileiro do século XIX foi abandonando muitos dos seus hábitos tradicionais (...) para adotar as maneiras, os estilos e o trem de vida da nova camada de europeus que foram se estabelecendo nas nossas cidades” (ibidem: 308). Aos poucos, os novos modos e os sofisticados costumes urbanos conduziria os antigos hábitos e costumes da cultura colonial à enxurrada, arrastados pela frieza européia e reeducados pelo endurecimento e pela disciplina das novas relações de sociabilidade estabelecidas pela presença do homem civilizado. Não mais as relações frouxas e as experiências promiscua da casa-grande aristocrática e da senzala escravizada, mas antes as sociabilidades dos sobrados do tipo burguês, pautadas pelo refinamento e pela imposição do controle e do comedimento rígido, da ordem e da individualidade, e dos mucambos pobres e mestiços que procuravam prestígio através da imitação dos hábitos mais sofisticados. Assim, esta transformação dos estilos rudes e soltos da colônia em hábitos aburguesados e civilizados deu-se, segundo Freyre, pela capacidade do brasileiro de “imitar o estrangeiro e de assimilar-lhes os traços de cultura mais finos e não apenas os superficiais”. De modo geral, diz Freyre, “o brasileiro típico perdeu a aspereza paulista e pernambucana para abaianar-se em político, em homem de cidade e até em cortesão” (ibidem: 22).

Dentro de pouco tempo, os novos padrões urbanos e de civilidade, os hábitos e comportamentos, os costumes públicos e privados, os modos de comer, vestir e andar, foram adquirindo um novo sentido através do contato com o “europeu burguês”, artificializando a vida, abafando os sentidos e retirando dos olhos do brasileiro o gosto pelas coisas puras e naturais (ibidem: 315). Deste modo, explica Freyre, “tudo o que era português foi ficando ‘mau gosto’; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando ‘bom gosto’” (ibidem: 336). As senhoras chiques que agora passeavam pelas ruas não exibiam mais o penteado e o vestuário à portuguesa, mas sim à francesa, já que

segundo Freyre, “só se sentia bem-vestido à européia; e de acordo com a civilização nova da Europa” (ibidem: 312). E ao invés do claustro doméstico como era o hábito das senhoras da casa-grande, as novas damas das cidades passaram a freqüentar mais a vontade os espaços públicos, principalmente ao teatro e as óperas onde freqüentemente recebiam os mais finos galanteios dos jovens estudantes (ibidem: 22).

Da mesma forma, quanto aos homens e as crianças, a mudança no vestuário e nos estilos de vida também acompanharam as últimas modas vindas da Europa. Tanto os armazenários de açúcar e de café, quanto os médicos, advogados, professores e os altos funcionários públicos, estes deveriam apresentar-se, conforme explica Freyre, usando cartola preta, botinas pretas, sobrecasaca preta e calças brancas, as modas e as cores da reeuropeização. Talvez tenham sido as crianças as que mais sofreram com as novas modas. Nos dizeres de Freyre, esses “mártirezinhos da moda européia”, logo aos cinco anos já deveriam vestir-se totalmente à européia, como adultos, como inglesinhos e francesinhos (ibidem: 22).

Em relação às crianças, não foram apenas os modos de vestir que se reeuropeizaram, mas também as posturas, os comportamentos e a educação intelectual. Enquanto a educação escolar da colônia era eminentemente eclesiástica – o que segundo Freyre devastou a paisagem intelectual deixando crescer nos indivíduos apenas idéias ortodoxamente católicas –, a partir do século XIX “a curiosidade de saber, a ânsia e o gosto de conhecer, a alegria das aventuras de inteligência” nos foram comunicados pelos enciclopedistas e, mais tarde, pelos mestres franceses e ingleses que aqui estabeleceram colégios e um ensino preocupado com a educação científica (ibidem: 316). Ao invés do ensino da teologia e do latim, que havia predominado no período colonial, com a reeuropeização as escolas passaram a ensinar aritmética, geografia, caligrafia, francês e música, preparando as crianças e os jovens para o mundo moderno e civilizado que a paisagem urbana aos poucos constituía. De modo geral, Gilberto Freyre entende que a educação dirigida às crianças era também mais rígida e disciplinada, tendo em vista que a preocupação era modelar os hábitos dentro dos padrões civilizados, transformando os meninos em adultos “bem educados” e “amadurecidos”.

Esse processo de reeuropeização narrado por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* também alteraria as relações familiares, cooptando dos indivíduos a promiscuidade sexual, a falta de higiene, os maus hábitos em geral e o pessoalismo que conduzia a vida na colônia. No lugar da poligamia característica da colônia, as novas condutas e o controle sobre a vida instintiva, principalmente nos sobrados, passaram a ser

de valorização da vida monogâmica, transformando a experiência com a sexualidade em uma relação bem mais tranqüila e temperada que nas casas-grandes (ARAÚJO, *ibidem*: 119). A própria nudez de parte do corpo, tão permitida na casa-grande, começou a envergonhar a vida familiar, sendo identificado com indecência e maus modos. A agressividade, também sempre presente nos meninos de engenho, passa a ser rigorosamente controlada e pacificada pela educação doméstica, visto que tais comportamentos em nada coincidiam com os novos estilos de vida reeuropeizados.

Neste sentido, esse esforço em prol de uma maior moderação dos costumes ao longo do século XIX redesenhou as relações domésticas no sentido de um maior rigor moral, da ampliação do individualismo, da pacificação dos costumes e de uma percepção diferenciada dos movimentos do corpo, tanto no mundo privado quanto íntimo, já que a intimidade transformava-se em sinônimo de civilidade.

De maneira geral, através das lentes de Gilberto Freyre é possível dizer que o que mais significativamente mudou com a reeuropeização dos costumes da cultura brasileira foi, acima de tudo, as formas de sociabilidade e de relação consigo e com o outro. A maior regulação sobre os hábitos, o controle sobre os impulsos e o desejo dos brasileiros em acompanhar os modos refinados dos “entes superiores” europeus, conduziu os indivíduos a uma preocupação constante em relação a sua apresentação aos olhos do outro. Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, essa obsessão do brasileiro em incorporar a experiência do “outro” levou a sociedade brasileira a um verdadeiro teatro, “onde cada ator é também um espectador, e todos se esforçam por demonstrar sua perfeita adequação àqueles modelos importados” (ARAÚJO, *ibidem*: 137-138). Ao longo do século XIX, acreditavam os brasileiros, quanto mais europeu se parecesse mais civilizado se poderia ser e, em consequência, maior poderia ser o prestígio e a possibilidade de ascensão social.

O que é possível dizer sobre o “processo civilizador” no Brasil a partir da leitura da obra de Gilberto Freyre

Nosso objetivo até aqui consistiu basicamente na elaboração de uma leitura sobre alguns aspectos das duas principais obras de Gilberto Freyre escritas durante os anos de 1930. Em síntese, procuramos compreender o desenvolvimento histórico dos hábitos e costumes, das condutas e dos comportamentos culturais da sociedade brasileira entre os séculos XVI e XIX. Retornaremos agora às questões que apresentamos no início do texto quanto a relação existente entre a teoria do processo civilizador, conforme explicitada por

Norbert Elias, e a formação histórica da cultura brasileira, de acordo com as referências que fizemos à obra de Gilberto Freyre.

Percorrendo *Casa-grande & Senzala* foi possível perceber a formação de uma civilização eminentemente marcada por excessos e desequilíbrios, cujos hábitos sociais se desenvolveriam de uma forma frouxa, sem rigor ou controle sobre as posturas e os gestos cotidianos, sobre os comportamentos e as relações interpessoais. A própria aristocracia que aqui se formou, conforme Freyre deixa entrever, em nada se parecia com a aristocracia européia, já que ao invés do refinamento e da racionalidade, nossa aristocracia foi antes grotesca e impulsiva.

Assim, entre o século XVI até o início do XIX, o processo histórico que caracterizou a vida social brasileira se constituiu por aquilo que poderíamos chamar de um “outro” processo civilizador. Em primeiro lugar porque, segundo Freyre, o português não poderia ser definido enquanto um puro europeu, na medida que seu “sangue” já mestiço e sua cultura atravessada pelo contato com a cultura mourisca e asiática acabou moldando a civilização portuguesa. Depois, porque na interpretação de Freyre o clima tropical e o contato com os indígenas e africanos tratou logo de “amolecer” e “desequilibrar” a vida do colonizador português, produzindo neste contato uma sociedade dos excessos, da imoderação, da incompostura e do descontrole das relações de sociabilidades.

Neste sentido, entendemos que a civilização colonial brasileira, conforme a paisagem pintada por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, pode ser definida como uma outra civilização ocidental, muito distante, portanto, da idéia de uma sociedade civilizada, caracterizada por um crescente controle sobre todos os setores da vida. Longe de ter sido o princípio de onde surgiu o processo civilizador, o Brasil colonial foi muito antes uma cultura da festa, do grotesco, do rústico, do cômico, dos maus modos e da incivilidade⁶, mas também, e que não nos esqueçamos, do ódio e da agressividade, da escravidão e da brutalidade. Enfim, uma sociedade marcada, conforme Freyre deixa entrever, por antagonismos, isenta de etiqueta, de regras de comportamento e de equilíbrio interior.

É possível pensarmos ainda que, para Gilberto Freyre, a colônia se definisse como um tipo de cultura nacional idealizada. Como bem demonstra a historiadora Maria Stella Bresciani, Freyre entendia que, de modo mais genuíno, a verdadeira singularidade cultural

⁶ Nossa referência, aqui, é à Ricardo Benzaquem de Araújo (1994), que apresenta uma interessante sugestão quanto a aproximação entre a obra de Gilberto Freyre (1946) e a do crítico literário Mikhail Bakhtin (1999), procurando evidenciar como a cultura colonial brasileira em muitos aspectos se parece com a cultura popular da idade média apresentada por Rabelais.

do Brasil havia emergido durante o domínio colonial, enquanto a reeuropeização abriria o Brasil para o mundo, desintegrando a sociedade colonial agora derrotada por burgueses, mercadores de sobrados e negociantes ricos ansiosos pelo domínio econômico (BRESCIANI, 2001: 406). Fica sempre subentendido que Freyre acaba fazendo um elogio a civilização híbrida dos trópicos, uma cultura colorida, quente e pautada pelos excessos da paixão, pelas relações de pessoalidade, pelo “desregramento” e “ociosidade” no interior da casa-grande, pelo “ritmo quente” e festivo da senzala, pela “singeleza” e “ingenuidade” dos nativos da terra. Enfim, um dionisiaco ambiente colonial, como bem lembrou Ricardo B. de Araújo (ARAÚJO, *ibidem*: 125), mas também um Brasil aristocrático e feudalizado do qual as reminiscências de Gilberto Freyre lembram nostalgicamente de uma “época de gente boa, de respeito dos filhos aos pais, de homens diretos e fortes que chegavam a ‘grandes idades’, de donas de casas diligentes, de doces gostosos e lombos de vitela que vinham à mesa rechinando na frigideira (...), sem os moços tomando os lugares dos velhos” (FREYRE, 1961: 23). Uma sociedade que convivia com seus antagonismos, mas um “luxo de antagonismos” que estavam sempre em equilíbrio.

No primeiro capítulo de *Sobrados e Mucambos* Freyre explica que este seria um estudo sociológico sobre a formação social do Brasil durante o século XIX, “alongando o esforço de análise e de interpretação empreendido em ensaio já publicado” (*ibidem*: 21), porém, um período histórico profundamente modificado que só poderia ser conectado ao último capítulo de *Casa-grande & senzala*. Assim, o Brasil de *Sobrados e mucambos* se apresenta a partir de uma profunda diferenciação com o Brasil colonial, agrário e marcado pelos excessos e desequilíbrios. O Brasil do século XIX é o país da urbanização, da burguesia, do comércio, dos novos estilos de vida, dos jovens doutores formados na Europa, dos ingleses, franceses, italianos, alemães e, acima de tudo, da reeuropeização.

Como vimos, a urbanização e a reeuropeização mudaram efetivamente a paisagem nacional durante o século XIX. Aos poucos, os novos estilos de vida e os costumes cosmopolitas e civilizados do homem europeu obrigaram o andar da carruagem brasileira a seguir um outro percurso, a acompanhar os ritmos da “civilização superior” do norte europeu. Do mesmo modo, a urbanização e a presença do “ente superior”, como se refere Freyre, pressionou a cultura brasileira a sofisticar seus costumes, a inventar etiquetas de sociabilidades, a equilibrar e controlar os excessos, a regular os comportamentos em todos os setores da conduta. Enquanto a paisagem colonial descrita por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala* é marcada pelos excessos e desequilíbrios tropicais, a sociedade

brasileira a partir do século XIX se caracterizaria pelo equilíbrio e pela moderação e pacificação dos costumes.

Esse contato mais próximo e constante do homem brasileiro com o homem europeu, proporcionado pela urbanização, conduziu os indivíduos a sociabilidades mais amplas, bem como uma maior interdependência social. Vale lembrar que, para Norbert Elias, o processo de interdependência, devido a tensão e a concorrência entre os indivíduos e o desejo de imitar o outro, surge a necessidade de moderar os costumes, de controlar os impulsos, de refinar os gestos e as condutas, de apresentar-se de uma maneira polida, educada e elegante aos olhos do outro. No caso brasileiro, um processo de sociabilidade que, de acordo com a narrativa de Freyre, moderou os costumes e dominou o destempero do clima tropical de modo a impôr aos indivíduos uma nova economia psíquica que não pudesse ser apenas do controle, mas também do autocontrole, do distanciamento e do intimismo psicológico.

Deste modo, o processo de urbanização e reeuropeização da sociedade brasileira durante o século XIX, conforme descrito por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*, pode ser visto como o momento em que se iniciou o que Norbert Elias chamaria de “o processo civilizador”. No entanto, apesar de Fernand Braudel (2000: 14), conforme a epígrafe deste trabalho, chamar a atenção para as similaridades entre a urbanização descrita por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* e o processo de urbanização da Itália no século XIII - reforçando a afirmação de Freyre de que a sociedade colonial em muito se parecia com a sociedade medieval -, para Gilberto Freyre não seria possível pensar o processo civilizador brasileiro da mesma maneira que se seguiu o processo de civilização européia desde o século XII. Neste sentido, faz-se necessário atentar para as especificidades históricas que constituíram a formação da cultura nacional, mesmo antes do século XIX, já que o processo civilizador no Brasil pode ser definido como um “outro” processo ocidental dentro do ocidente.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. *Guerra e paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo; Brasília: Edunb/Hucitec, 1999.

Dos excessos tropicais à moderação dos costumes: um debate sobre a idéia de processo civilizador na obra de Gilberto Freire – por Vanderlei Sebastião de Souza

BRESCIANI, Stella. Identidades no Brasil do Século XX. Fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) *Memórias e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora Unicamp, 2001, pp.403-429.

BRAUDEL, Fernand. Casa-grande & Senzala. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 56, março de 2000, p. 13-15.

CHARTIER, Roger. Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. In: ELIAS, Norbet. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001, pp.27-59.

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador – Vol. II: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. *O processo Civilizador – Vol. I: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FEBVRE, Lucien. Brasil, Terra de História. In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 56, março de 2000, p. 16-25.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1946.

_____. *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. Rio de Janeiro, 1961.

Recebido em: 11/04/2008

Aprovado em: 16/06/2008